

1

A porta abriu-se sem que ninguém lhe tivesse tocado.
O vento trouxe as folhas para dentro de casa, num movimento suave, com algo de musical.

Eu penso que tudo começou no dia em que me vi, de corpo inteiro, no espelho do meu quarto em Bly.

Na casa do meu pai não havia espelhos. Na casa da minha professora de piano, havia só um, pequeno e não muito nítido. Eu passava muito tempo a olhar para o meu rosto.

Assim, posso dizer que foi em Bly que me vi pela primeira vez. Nos primeiros instantes, aquela mulher pareceu-me uma estranha. Aos poucos, fui-me familiarizando com ela.

Não muito alta, esbelta, com cabelo cor de cobre que, desde pequena, me diziam ser impróprio para a filha de um modesto pároco.

Lembro-me de que soltei o cabelo, que me chega quase à cintura, e percebi o que ele queria dizer ao falar das mulheres pintadas por Dante Gabriel Rossetti.

Os meus olhos são azuis, e os traços correctos. A boca também, faz pensar nos quadros de Rossetti.

Eu penso que tudo começou no dia em que percebi que era muito bonita.

A minha primeira recordação tem a ver com a charneca. A charneca num dia de vento. Alguém me levava pela mão, talvez o meu pai, talvez uma das minhas irmãs.

A nossa casa ficava junto à igreja de pedra cinzenta, no extremo da aldeia. Tinha um pequeno jardim, que confinava com o cemitério. Para mim, a morte lembrava flores, e funerais em manhãs de chuva, e a voz calma do meu pai a falar de um outro mundo. Nada de muito assustador. As minhas irmãs e eu brincávamos entre as campas com o mesmo desprendimento com que brincávamos no jardim. Como a menina de Wordsworth que se sentava a fiar junto aos irmãos mortos no cemitério.

A casa era pequena, e eu dividia o quarto com as minhas irmãs e com a minha boneca Alice. As minhas irmãs na cama maior, eu e Alice na cama mais pequena junto à janela.

Frequentávamos a escola da aldeia, mas o meu pai dava-nos aulas ao fim da tarde. E, talvez por eu ser a mais nova, mandou-me ter aulas de piano com uma senhora estrangeira que vivia na aldeia.

Quando as minhas irmãs atingiram os dezanove e dezoito anos, arranjam trabalho como preceptoras junto de duas famílias no Devonshire. Só nos visitavam no Natal, mas enviavam-me livros. E eu descobri que havia livros além da Bíblia, dos manuais de história e de astronomia do meu pai. Elas enviavam-me romances.

E agora, à noite, enquanto o meu pai preparava os sermões no quarto que lhe servia de escritório e de sala de visitas, eu fechava-me no meu quarto, com o candelabro aceso, e descobria os mundos mais estranhos.

O mundo terrível de Dickens (e a história de Lizzie que ganhava a vida ajudando o pai a recolher cadáveres do Tamisa), a paixão de Heathcliff por Cathy (Heathcliff que me tirava o sono), a solitária inquilina de Wildfell Hall, e Jane Eyre...

Havia uma história de Elizabeth Gaskell de que gostava muito, e que também entrava pelos meus sonhos... A história que a velha aia contou... E a companhia dos fantasmas.

O meu livro preferido nos longos serões de Inverno, quando o vento da charneca chegava à aldeia e uivava do outro lado da janela, o meu livro preferido nas calmas noites de Verão quando o cheiro da madressilva do muro e o cheiro das flores no cemitério entravam pelo meu quarto, era *Jane Eyre*.

Eu tivera uma infância protegida e ela passara muitos anos num orfanato. Eu ouvira muitas vezes, sobretudo depois de crescer, que era demasiado vistosa para a filha de um pároco de aldeia, e Jane era feia e sem graça.

No entanto, sentia que tinha muito em comum com ela. A história da jovem preceptora que chega a um velho casarão, e se apaixona pelo dono da casa... havia alguma coisa de familiar nessa história, e não era só porque outras escritoras a repetiam, como se tivessem encontrado a história primitiva, a que deve ser contada mil vezes.

Eu sabia que mais tarde ou mais cedo chegaria a minha vez, o tempo de deixar a casa e a aldeia, e a boneca deitada na cama vazia, e ir trabalhar. E se Jane, que não tinha grande encanto, conseguira o amor de Mr. Rochester, eu podia sonhar com algo parecido, eu com o meu cabelo cor de cobre e os olhos azuis...

E quando respondi ao anúncio do jornal que pedia uma jovem culta e com boas referências para ser a preceptora de duas crianças, tive a sensação vertiginosa de que chegara o meu momento...